

Gracinda Candeias
Aeris



"... Sabemos de Gracinda Candeias que ela nasceu em Angola e logo compreendemos como as viagens transcontinentais são muito importantes na sua carreira. Diverte-me lembrar que vivemos ambos em Luanda, na mesma altura de anos 40, era ela ainda muito menina, não nos conhecemos então...

O nosso primeiro encontro deu-se em Lisboa em 1972, Gracinda Candeias expunha na galeria Buchholz, que Rui Mário Gonçalves, gerantia com a sua direcção – e, a partir daí, temos continuado uma simpática relação de estima e admiração da minha parte.(...)

Nasceu ela e viveu em Luanda e viajou por muita Angola, e disso trouxe uma consciência especial de espaço – que eu também guardo na lembrança mas exprimo de outro modo, em letras... Quem por lá andou, nunca esquece os espaços africanos!

Por dentro da memória ficam para sempre imagens de grandes planícies, de imensas florestas... À Gracinda estes espaços, deram uma consciência de um viver bem diferente do da Metrópole...

A pintora veio, depois, com 18 anos, para a Escola de Belas Artes do Porto, considerada na altura a melhor do País e, a seguir, para Lisboa, onde ainda hoje trabalha, num *atelier* da Câmara, nos Coruchéus.

no Porto, em 1964, Gracinda deu-se conta de um espaço mais estreito que exige outra aproximação, outro contacto. Nas ruelas da cidade, no jardim de S. Lázaro e em outros lugares simpáticos e depois em Lisboa, a falta de espaço africano foi então compensado com longas viagens...

Gracinda Candeias esteve na Índia nos anos 70, no Brasil anos 80, na China nos anos 90. Infelizmente nunca por lá nos encontramos, por diferenças de tempos e porque, em vez da China, eu estive no Japão...

Gracinda, porém, trabalhou em Macau e ali expôs e também em Pequim. (...)

Ao olhar agora, os quadros de Gracinda fui levado a uma «digressão» filosófica oriental – mas se pensarmos, ocidentalmente o equilíbrio e a tensão entre o «Chang» e o «Choi», vemos que a pintora pode fazê-lo sem o fazer...

Lá vivendo, olhando e reagindo europeicamente a pintora percebeu que outra coisa se definia e a conduzia: não é já o seu grande espaço africano, nem o comedido espaço europeu(...)E foi a compreensão da tensão entre os dois pensamentos (europeu e oriental) que mantém viva a alma da artista!

A pintura de Gracinda transmite aquilo que ela sentiu na China: ali ela percebeu o «ser espaço». Não o conquistou, que esta pintura não tem a ver com o Ocidente, como em Vieira da Silva e tantos outros grandes pintores do nosso tempo. Gracinda ultrapassou isso, tomando o seu caminho como necessidade própria, e, à margem, assumiu e recebeu a sua experiência chinesa – que devemos perceber, através do conceito de tensão entre as duas forças que se verifica na pintura dela.

Eu creio que Gracinda, nas suas várias experiências espaciais, de África e da Europa de Cézanne lhe foi com certeza muito útil, a China, onde finalmente compreendeu para a sua sensibilidade que se trata de «ser espaço» e não de o conquistar. (...)

Recentemente, o filósofo alemão Hertmute Rosa, publicou um livro sobre a «aceleração» na cultura ocidental.

Ele fez-me reflectir melhor sobre um problema que há muito me preocupa, avesso que sou a precipitações em artes, letras ou modas... É um livro muito grave sobre uma bem terrível situação em que nos precipitamos no quotidiano das nossas decisões ou das nossas informações.

Nós que andamos depressa demais, a queremos saber hoje o que vai acontecer depois de amanhã...

A fazer coisas, quando outras coisas já estamos a pretender fazer!

Ainda bem que as técnicas progredem. A publicidade o afirma e fortunas de várias empresas assim se asseguram, oferecendo-nos satisfação – sem nos dar tempo para reflectir na sua necessidade ou na sua realidade...

Na pintura, na literatura, na arquitectura, ou na música – é isso muito grave! Grave e trágico!

Cerca de 1985 o meu amigo François Mathey, director então do grande Museu de Artes Decorativas de Paris, onde fez uma obra notável e ímpar no seu tempo, em exposições inteligentes e brilhantes, escreveu na introdução de um catálogo que um movimento artístico durava apenas dezoito meses. Hoje é ainda mais curta a sua vida... Que sentido isso pode ter – senão contra nós próprios?

Assisti ao longo de muitos anos de experiências e práticas de ver, a vários «movimentos» que apareciam e desapareciam na voragem parisiense, senão na nossa modéstia nacional. A meio dos anos 60, estive presente numa famosa sessão em que Yves Klein lançou modelos nus e cobertos de tinta azul contra uma parede para nela deixar suas impressões corpóreas. Foi enorme o sucesso da performance, e o artista acabou por se suicidar, não por causa da pintura (como o grande De Staël) mas por não poder aguentar o ritmo de invenções a que havia de se sujeitar.

E muitos são os artistas que vivem preocupados com o sucesso das modas em que entram, por invenção ou imitação. (...)

Um pintor, um poeta ou um músico não o são quando inventam coisas novas e diferentes para espantar o público e a crítica espantável, para dizer aos outros que são mais modernos em suas urgências. Eles têm de entrar num discurso coerente na sua invenção original (e não repetitiva, decerto, que seria meramente académica), necessária no tempo da sua própria prática. E assim, em suas qualidades eles estarão a fazer história, fugindo da aceleração da nossa vida quotidiana, Gracinda Candeias conheceu (foi capaz de conhecer...) o discurso da água e da montanha, do «Chang» e do «Choi» e exprime-o na sua pintura tão oriental quanto é possível a uma ocidental. Ela entendeu aquilo que pôde entender, nas vivências espaciais que tem tido e pelo que fez e está fazendo, é uma pintora original que tem lugar na história que, daqui a vinte, trinta ou cinquenta anos, se venha a fazer, da arte portuguesa, tal como a creio e espero."

José-Augusto França
25 de Abril de 2010

Extracto do discurso por ocasião da exposição de Gracinda Candeias na Galeria dos Paços do Concelho de Tomar



1. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



2. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



3. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



4. Série "A Oriente do Oriente", 2010
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



5. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



6. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



7. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



8. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



9. **Série "A Oriente do Oriente", 2010**
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



10. Série "Afectos", 2010
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



11. Série "Afectos", 2010
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



12. Série "Afectos", 2010
Técnica mista s/ papel
75 x 57 cm



13. Série "Corpus Meum", 2010
Acrílico s/ papel
70 x 100 cm



14. Série "Corpus Meum", 2010
Acrílico s/ papel
70 x 100 cm



15. Série "Corpus Meum", 2010
Acrílico s/ papel
70 x 100 cm





16. "Aeris I", 2010
Óleo s/ tela
150 x 50 cm



17. "Aeris II", 2010
Óleo s/ tela
150 x 50 cm



18. "Aeris III", 2010
Óleo s/ tela
150 x 50 cm



19. "Esperanza", 2009
Óleo s/ tela
70 x 230 cm



20. "Uma luz ao fundo do túnel", 2010
Óleo s./tela
50 x 150 cm



21. "Entardecer", 2010
Óleo s/ tela
80 x 100 cm



22. "Primaveril", 2010
Óleo s/ tela
80 x 100 cm



23. "Fogo Posto", 2010
Óleo s/ tela
80 x 100 cm



24. "Fragmentos do Deserto", 2010

Óleo s/ tela
18 x 14 cm – cada
(grupo de seis)

A minha viagem ao Porto

«Aterrei» no Porto a primeira vez há cerca de 46 anos! Imaginem o que se passa com uma adolescente de 18 anos que sai pela primeira vez, do seu «planeta» de nascimento – Angola (Luanda)!

A primeira sensação é de habitar num espaço muito mais pequeno sem aquelas grandes planícies...depois o clima, cheguei no Inverno, em Angola não é tão frio e só há 2 estações, assim pela primeira vez tenho a sensação das 4 estações (hoje já não é assim).

A Primavera e o Outono foram o meu deslumbre! A chuva miudinha no Porto a minha angústia!

Em 1964, entro na E.S.B.A e tenho as primeiras aulas. A escola e a cidade viriam a marcar-me profundamente....

Estávamos na ditadura, coisa que em Angola não se sentia... a escola (considerada a melhor do País) estava ainda mais exigente!

Foi uma grande batalha! Ajudou-me a conhecer minha faceta de enfrentar desafios com coragem, determinação, muita disciplina e sobretudo com muito trabalho! Trabalhar mesmo até ao limite!

Foi um desafio por várias razões, as mentalidades eram completamente diferentes, eu falava directamente o que pensava e questionava os professores – nada disto era normal! Lutava contra um espartilho Universitário e por isso era considerada uma contestatária! Várias notas sobre a minha expulsão foram escritas pelos professores e iam parar à secretária do Director – o Arquitecto Carlos Ramos. Esse sim! Tinha outra mente – mais aberta. Depois de termos uma pequena conversa, os Professores, foram confrontados com as perguntas dele: «ela trabalha? Ela não é malcriada? Não! (responderam) e trabalha por seis! Então deixem lá a rapariga!» E assim cumpri a minha missão: trazer o diploma para Angola sem reprovar nenhum ano.

Graças às discussões que tive com o Prof. Tito Reboredo a exigir-me cada vez mais e mais desenhei tanto que de medíocre, passei a ser uma das melhores da turma, (mas o que trabalhei!)

O Prof. Resende também foi muito importante! Discordava da minha escolha das cores e as problemáticas sobre a composição, os meus colegas estavam todos a pintar com cores escuras e eu com cores gritantes, foram célebres a minha combinação das cores – rosa e laranja...eu era uma aberração! Mais tarde, 15 anos depois, fui à inauguração de uma exposição, em Lisboa, do Mestre Resende e vi nos seus quadros a utilização dessas cores!

(Tinha ido ao Brasil!), não me contive: então Mestre que tal o rosa e o laranja? Resposta: «É maravilhoso!» Pode explicar melhor? Sorriu-me como resposta...e eu retorqui: finalmente conheceu os trópicos! Agora pode compreender-me! «Oh minha senhora já se passaram tantos anos das nossas contendias!»

Sim mestre, mas não se esquecem! Eu estava a pintar o que sentia e foi isso que aprendi em mim, apesar das discórdias eu estava confiante em seguir a minha intuição com algumas incertezas é certo, mas a minha rebeldia não me deixava passar essas fragilidades! A recompensa foi a liberdade de errar, acertar e voltar a errar, apesar de estar sempre a contestar...

Para o bem ou para o mal a minha formação estava a fazer-se!

Foram igualmente importantes os professores Augusto Gomes, o Demé, o Armando Alves, entre outros.

Estive em Paris nos anos 80 com uma bolsa da Gulbenkian e depois por minha conta. Foram meus tutores o Eduardo Luís e Júlio Pomar.

Eduardo foi muito importante por mostrar-me os caminhos da sua fantástica técnica! Júlio pelos seus *silêncios habitados* no seu ateliê que frequentemente eu visitava e nunca escondeu o que estava fazendo! A VER também se aprende!

A Monique Kissel, uma pintora e Prof. na Universidade - «Paris Huit,»

Ajudou-me a VER a arte contemporânea, visitávamos feiras de Arte internacionais e também íamos juntas a vários museus. Para mim esta aprendizagem foi o complemento da Universidade, pode-se dizer que fiz uma boa pós-graduação.

Virando a página e depois de muitos anos encontro-me em Lisboa e a trabalhar num ateliê cedido pela C.M.L, onde várias experiências realizei, desde a performance, cenários para teatro, instalações e arte pública e recentemente as novas tecnologias e o computador torna-se uma nova ferramenta! Apesar disso, continuo a agrafar telas à parede raramente uso o cavalete...a pintar com o corpo (literalmente!), com as mãos e raramente com os pincéis...resultado a minha estrutura óssea ressentiu-se com essa violência!

Mas vale a pena ter a sensação do voo que tenho como se não tivesse pára-quedas e descesse do alto de uma montanha...e as mãos quando estão inteligentes, é só seguir o corpo no espaço. Só paro quando estou esgotada ou quando sinto que o diálogo acabou. Por isso vale a pena correr todos os riscos!

Esta exposição foi toda realizada este ano, com muito calor, muito suor, 38.880 minutos de trabalho e solidão!

Falar sobre a minha pintura não me compete e agradeço ao meu amigo, Prof. J.A.França o elogioso texto que me faz sentir mais segura, e pensar que estou mais preparada para COMEÇAR!

Gracinda Candeias

Lisboa 17 de Setembro de 2010

Biografia:

- 1947** Gracinda Candeias nasce em Luanda, a 17 de Maio, filha de pintor, José Marques Candeias.
- 1950/63** De Angola traz a memória dos cheiros de terra queimada mas também os sons dos tiros cruzados na rua. Início da guerra Colonial.
- 1964** Aos 18 anos viaja para o Porto e frequenta A Escola de Bela Artes. Vive uma época de grandes discussões filosóficas e de contestação aos métodos de ensino impostos pelo sistema.
- 1967/68** Viagem a Paris – Retrospectiva de Picasso – e através dela o reencontro com a magia da Arte Africana.
- 1969** Termina o curso de Pintura na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Primeira exposição individual, na Galeria Vagão, Porto.
- 1970** Em Lisboa, inicia a experiência pedagógica na Escola Francisco Arruda, onde trava conhecimento com o grande pedagogo Calvet de Magalhães.
- 1971** Expõe na Galeria Buchholz, Lisboa, a convite de Rui Mário Gonçalves. Conhece o professor e crítico de arte José-Augusto França. Nova experiência: cenários para Teatro. Trabalha com Filipe La Féria na Casa da Comédia, e com Vasco Morgado.
- 1972/73** Trabalha e prepara a exposição para a Galeria Alvarez no Porto. Curso de Gravura e Litografia, com Dacos, na Cooperativa Gravura em Lisboa.
- 1973** Participa numa exposição colectiva na prestigiada Galeria Amadis em Madrid. Encontro e cumplicidades artísticas com o pintor António Areal e os surrealistas Mário Henrique Leiria, Cruzeiro Seixas e Mário Cesariny. Finaliza o curso complementar de Pintura na E.S.B.A. de Lisboa. Assistente da cadeira de Têxteis na SNBA de Lisboa.
- 1974** Lecciona Educação Visual no Conservatório Nacional de Música, Lisboa. Uma experiência inovadora no ensino preparatório. Festa na rua. Participa em murais pictóricos alusivos ao 25 de Abril.
- 1978** Participa na colectiva «Jeune Peinture Portugaise», Fundação Calouste Gulbenkian, Paris. Primeira «performance» na Bienal de Vila Nova de Cerveira. Participa na colectiva «Arte Moderna Portuguesa», Kunsthall, Lunds – Suécia. Exposição de homenagem a seu pai na Galeria da S.N.B.A. em Lisboa.
- 1980** Exposição individual na Galeria Dois, Porto. Participa na Bienal de Cerveira e forma o grupo «Diaspositivos».
- 1981** Exposição individual na Galeria da embaixada de Portugal em Brasília.
- 1982** Exposição individual na Galeria Quadrum – Lisboa.
- 1986** Participa na colectiva «Exposição Ibérica de Arte Moderna», em Campo Maior. Participa na IV Bienal de Cerveira, como artista convidada. Participa na colectiva «III Exposição de Artes Plásticas», Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- 1987** Residência artística em Paris com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, tendo como orientadores, Eduardo Luís e Júlio Pomar. Contacto com o movimento Gutai – Exposição colectiva na Galerie du Prévot, Paris «L'Artiste du Mois» a convite de José-Augusto França, na Fundação Gulbenkian, Paris.
- 1988** Participa na colectiva «Art Portugaise», no Palais de l'Europe, Estrasburgo. Participa na colectiva «100 Anos de Pintura Portuguesa», na Galeria do Leal Senado, Macau. Exposição individual na Galeria Quadrum, Lisboa. Exposição individual na Galeria da Caixa Geral de Depósitos, Paris. Exposição individual na Galeria Pascal Polar, Bruxelas
- 1989** Exposição individual na Galeria Triângulo 48, Lisboa Exposição comemorativa de 20 anos de carreira, Galeria Nasoni, Porto
- 1990** Participação na colectiva «Segunda Exposição de Arte do Banco Fomento e Exterior», em Luanda, Angola. Participa na «V Bienal de Lagos», como artista convidada pela crítica de arte Sílvia Chicó. É convidada a realizar a rubrica de rádio «Inquietações», incluída no programa «Ângulos e Reflexos», de Carlos Eichmann, na Antena 2.
- 1991** Primeira viagem a Macau, onde expõe na Sala Garden da Fundação Oriente. Participa na colectiva «Portugal L'Avenir Plus», em Bruxelas, exposição integrada no evento cultural Euro-pália'91. Participa na colectiva «7 Artistas Portugueses nas Colecções Belgas», no Museu de Louvain-la-Neuve, exposição integrada na Europália'91.

- 1992 Exposição retrospectiva da sua obra no Museu da Água, Lisboa.
Lançamento do livro "Gracinda Candeias – a pintura na pele", com texto de Jorge Guimarães.
Participação na Expo'92, em Sevilha, a convite da Embaixada de Angola.
- 1993/94 Primeira Obra Pública – concepção de um tapume para a obra na estação Colégio Militar do Metro, integrada na iniciativa «Encenar a Cidade» do evento Lisboa Capital Europeia da Cultura'94.
- 1994 Apresenta a Exposição/Instalação «A Oriente do Oriente», no Museu da Água, Lisboa.
É convidada para realizar em azulejos os murais para a estação «Martim Moniz» do Metropolitano de Lisboa.
- 1995 Apresenta a Exposição/Instalação «Transparências – Memórias de Macau», na galeria da Missão de Macau, Lisboa.
Viaja a Macau e a Pequim, acompanhando a itinerância da Exposição/Instalação «Transparências – Memórias de Macau».
- 1996 Participa no 3º Simpósio Internacional «JUNCTION – Arte nos Transportes Públicos», no Centro Cultural de Belém, Lisboa.
Volta a realizar cenários teatrais, a convite de Mário Viegas.
Apresenta a Exposição/Instalação «Rainha Nzinga e o Traje» no Centro Cultural da Praia, em Cabo Verde, que depois segue em itinerância por vários países de língua oficial portuguesa.
- 1997 Instalação "No Quarto de Fernando Pessoa", Casa Fernando Pessoa, Lisboa.
Conclui os murais em azulejo para a estação «Martim Moniz» .
- 1998 A Exposição/Instalação «Rainha Nzinga e o Traje» inaugura o Pavilhão da C.P.L.P na «Expo'98», Lisboa.
Apresentação da Exposição/Instalação «Rainha Nzinga e o Traje» no Museu do Traje, Lisboa.
- 1999 Realiza os murais em azulejo pintado para a Estação Ferroviária das «Mercês» (linha de Sintra), a convite da REFER EP.
- 2000 Realiza uma intervenção plástica na nova entrada viária de Sintra, a convite da presidente da Câmara Municipal.
Executa as pinturas para os prémios «Norte/Sul» atribuídos pelo Centro Europeu para a Solidariedade Mundial, a convite da Comunidade Europeia de Bruxelas.
- 2001 Participa na colectiva «METRO NA EUROPA» / «PASIGER FABRIK» em Munique, Alemanha.
- 2001/02 Realiza uma intervenção plástica com revestimento em azulejo pintado para a estação ferroviária da «Portela de Sintra», a convite da REFER EP.
- 2002 Exposição individual «Felinos e Galináceos» na Galeria Lídia Cruz, em Leiria.
- 2003 Viagem ao Brasil, onde reside durante um semestre. Estuda madeiras tropicais como suporte para um novo projecto de pintura inspirado em símbolos da arte Rupestre Angolana.
- 2004 Apresenta uma selecção de pinturas da sua colecção particular, representativa de diversos períodos, no Centro Nacional de Cultura, a convite do Prof. Guilherme Oliveira Martins.
Participam o Prof. José-Augusto França, com uma intervenção acerca da obra pictórica, e o Eng.º António Portela. com uma análise sobre a Obra Pública.
- 2005 Dedicar-se ao estudo de novas tecnologias digitais para tratamento de imagem fotográfica.
- 2006 Exposição Individual «SIXTIES», na galeria 9ARTE em Lisboa, onde apresenta trabalhos que incorporam técnicas de imagem digital na pintura sobre tela.
Participa na Feira de Arte Contemporânea de Lisboa, com trabalhos que integram experiências com técnicas de imagem digital, pela galeria Cubic
- 2007 Apresenta na Feira de Arte um trabalho de grandes proporções em fotografia com recurso à tecnologia lenticular, pela galeria Quatro.
- 2008 Participa na colectiva "Caligrafias", Fundação das Telecomunicações, Lisboa, a convite da crítica de arte Maria João Fernandes.
- 2009 Apresentação de «Gracinda Candeias – Exposição Antológica 1992 – 2002» na Galeria Torreão Nascente da Cordoaria Nacional, Lisboa.
Apresentação do livro editado sob o título "Gracinda Candeias - Antologia 1992-2002".(A convite do presidente da C.M.L. António Costa).
A convite do C.P.S. edita um álbum sob o tema "DATURA", com texto de Lídia Jorge e poemas de Ana Zanatti, apresentado na Galeria do C.P.S no C.C.Belém.
- 2010 A convite do Prof. J. Augusto França realizou uma exposição antológica de pintura no Museu de Tomar de Abril a finais de Junho.
Edição do livro "Num tempo em que os animais falam", com texto de Helena Osório e ilustrações de Gracinda Candeias.
- 2010 Exposição individual na Galeria Aparte, a convite de Fernando Troca, depois de 20 anos de ausência em exposições no Porto.

Ao longo da sua carreira participou em mais de 500 exposições colectivas e ganhou uma dezena de prémios.



AP'ARTE
G A L E R I A D E A R T E

Rua Miguel Bombarda, 221
4050-381 Porto - Portugal
t: 351 220 120 184/5
f: 351 220 120 186
e: geral@apartegaleria.com
w: www.apartegaleria.com

Ficha técnica:

Coordenação e produção: Fátima Paupério, Fernando Troca e Franchini

Textos: José Augusto França e Gracinda Candeias

Fotografia das obras: Roberto Santandreu

Montagem da exposição: Cátia Brandão e Teódulo dos Santos

Design gráfico: Marco Silva

Execução gráfica: Norprint

Edição: AP'ARTE - Galeria de Arte

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 000/10

Este livro foi publicado por ocasião da exposição de **Gracinda Candeias**, realizada pela **Galeria AP'ARTE** em Novembro de 2010.